

Revista de Agricultura

DIRECTORES

Prof. N. Athanassof
Prof. Carlos T. Mendes
Prof. Octavio Domingues
Prof. S. T. Piza Junior
Prof. Westin Vasconcellos

Publicação bi-mensal de ensinamento theorico e pratico

Vol. 7

Março - Abril de 1932

N. 3 e 4

OS ALICERCES DA CIVILIZAÇÃO FRANCEZA

Poucos paizes europeus podem orgulhar-se de possuir uma vitalidade tão profunda como a França. A que attribuir-se este phenomeno, que se manifesta sobretudo nos momentos difficeis para a nacionalidade, nas horas de intensa commoção social e de cáos politico?

A França, desde o ultimo lustro do seculo XVIII, conseguiu levar a cabo, de maneira feliz, o movimento revolucionario que, em nosso actual momento historico, está fazendo estremecer os fundamentos economicos das nações modernas, impellindo-as para um terreno typicamente vulcanico: a Revolução de 89, cujo merito principal cifrou-se em transferir as terras das mãos da nobreza e do clero para a massa dos elementos agricolas da nacionalidade.

Hoje, quando a Russia, a Hespanha, a Italia, a Turquia, o Centro europeu encaram ainda a possibilidade de acontecimentos desse jaez, é que comprehendemos quanto a França se distanciou do resto do Continente, em estabilidade economica, tranquillidade politica e harmonia social.

O verdadeiro pilar da civilização gauleza repousa sobre o seu agrarianismo, e acima de tudo, sobre a fortaleza de suas populações ruraes. Emquanto as nações super-industrializadas soffrem, de quando em quando, syncofes profundas, em seu metabolismo organico, a França ostenta uma serenidade, que nem as proprias convulsões politicas europeas ousam siquer abalar.

Um de seus mais reputados economistas traz á baila os dados seguintes sobre a ruralização nacional. Em-

quanto 54 o/o da população, na França, são compostos de elementos do campo, nos Estados Unidos essa percentagem é de menos de 45 o/o e, na Grã-Bretanha, de apenas 20 o/o!

Facto, todavia, ainda mais significativo. A França dispõe de um corpo de produtores agricolas estimado em 8 591.000 lavradores, 5.000.000 dos quaes são proprietarios de suas proprias terras. Esse parece-nos, de facto, o "pivot" do problema: a radicação do homem á gleba, do agricultor ao seu torrão. Que melhor titulo de ascendencia economica e de plenitude vital poderia exhibir o paiz?

Observando essa circumstancia auspiciava, André Sieggfried expande estes conceitos, dignos de meditação: "Mesmo depois do Tratado de Versailles, que deslocou para o nosso Nordeste metalurgico o centro de gravidade economica da nação, pode-se dizer que a grande producção manufactureira permanece entre nós estrictamente localizada. Não é o seu espirito que inspira o conjuncto do paiz".

A França não conhece o cortejo de maleficios, inherentes ao latifundismo e ao minifundismo. Nação de agricultores, tanto quanto possivel independentes, constituindo a sua mais preciosa "phalange serrés" de valores authenticos e positivos, é ahi, nessa formação muscular, que se localizam as determinantes de sua grandeza e de sua cohesão politica. Enquanto certas partes da Hespanha, a Belgica, o Egypto, a India, soffrem intensamente em virtude de um regimen, que a subdivisão da propriedade territorial chegou ao seu ponto extremo, a França responde com um territorio parcellado e com a abastança de suas classes productoras.

A força, o poderio, o esplendor gaulezes, são emarações directas de sua civilização agraria. Essa é a advertencia constante que a poderosa democracia latina vem ostentando ao mundo inteiro, como documento imperecivel de seu genio creador e de suas inexgotaveis reservas de vigor economico e espiritual.